

A Ascensão da Extrema Direita e a Supressão de Políticas de Gênero na América Latina

ISABELLE PACHECO ROLLA

O período denominado de “Onda Rosa”, iniciado na América Latina nos anos 90 é marcado pela ascensão de líderes de esquerda e centro-esquerda. Este foi responsável por uma virada aos movimentos sociais e projetos socioeconômicos, tendo por objetivo atingir uma maior equidade social, juntamente a políticas desenvolvimentistas baseadas na exportação, em resposta às reformas neoliberais da década anterior (Ayerbe, 2008). Nesse sentido, marcou um avanço perceptível em relação aos direitos das mulheres e LGBT em diversos países da região, como a tipificação do crime de feminicídio na maioria dos países latino-americanos, iniciada pela Costa Rica em 2007 (Oliveira; Ferreira, 2021), o reconhecimento ou legalização do casamento homoafetivo em 8 países (Silva, 2024), uma ampliação, ainda que restrita, no acesso ao aborto e a criação de mecanismos institucionais que almejavam maior participação e presença política feminina. É preciso, todavia, reiterar que esses avanços não surgiram de maneira autônoma por parte dos governos progressistas eleitos, sendo resultado também da ação de diversas mobilizações sociais (Barbosa, 2022), que continuam existindo e gerando pressão, mas que acabam não incorporadas em governos alinhados à direita.

Em meados de 2010, porém, outro processo político se tornou notável na região, inspirado nas movimentações que aconteciam na Europa e nos Estados Unidos da América (EUA). A instabilidade econômica, unida a diversos escândalos de corrupção levaram a uma grande desconfiança da população média com os partidos e instituições democráticas e deram abertura para a entrada de novos concorrentes, que buscassem romper com a lógica conhecida, que estava sendo recebida como falha (Feldman; Santos, 2022). Nesse contexto, o ideário da extrema direita se popularizou e ganhou força na América Latina.

Concomitantemente à ascensão da extrema direita, o período marcou uma grande mudança em relação aos direitos das mulheres e políticas de gênero existentes.

Foram desencadeados severos ataques e uma posição agressiva em relação a eles, de maneira antidemocrática e antiliberal. Para além dos discursos dos líderes extremistas, esses ataques geraram tentativas de ação e mobilizações, algumas com efeitos mais perceptíveis que outras. Então, a partir de 2016, temáticas como aborto e direitos reprodutivos, educação sexual nas escolas e direitos de pessoas LGBT se tornaram polêmicos e centrais na política dos candidatos e políticos alinhados à extrema direita (Biroli, 2019b). Assim, dado o exposto acima, esta análise busca compreender a intersecção entre a extrema direita junto a outras correntes, como o neoliberalismo e o familismo, tal como a forma que constroi o gênero como adversário e acarreta efeitos nocivos a mulheres e pessoas LGBT.

Os retrocessos em políticas de gênero

Casos concretos como a retirada da “ideologia de gênero” e de educação sexual das escolas no Paraguai em 2017 e o projeto de lei “Escola sem Partido” no Brasil, que visava o mesmo objetivo, em 2018 exemplificam o início dos retrocessos em política de gênero (Carneri, 2017; Fleck, 2018). A ameaça tem, porém, se fortalecido e mostrado um viés cada vez mais repressor aos direitos e políticas de gênero. Pode-se citar a retomada da votação da Proposta de Emenda Constitucional 164/12 no Congresso brasileiro, que buscava atingir uma ampliação na proibição do aborto (Haje, 2024), passando a incluir casos de estupro onde esse direito já era reconhecido constitucionalmente, e sua criminalização. Ou até mesmo as constantes ameaças do presidente argentino Javier Milei aos direitos reprodutivos recentemente alcançados na Argentina e a tentativa de retirar o feminicídio do código penal. Elucida-se, também, a tentativa de extinção do Ministério das Mulheres no Equador; a classificação de pessoas transexuais como deficientes intelectuais no Peru e a derrubada do projeto que buscava proibir terapias de conversão na Colômbia. São esses apenas alguns dos exemplos de ataques e retrocessos ocorridos em 2024 e que retificam as crescentes ameaças à liberdade e existência de mulheres e pessoas LGBT na América Latina.

A popularidade e ascensão de líderes de extrema direita na América Latina iniciada em 2016 e os retrocessos e

ataques constantes aos direitos de mulheres e LGBT não são fatores isolados, mas processos intrinsecamente relacionados. A princípio, os ataques à comunidade LGBT e aos movimentos feministas foram parte fundamental do discurso extremista, que buscou construí-los como “inimigos”, responsabilizados pela desestabilização das ideias tradicionais de família e costumes. Desta forma, apesar de suas particularidades específicas, percebe-se semelhanças nesse âmbito no discurso de figuras do movimento como: Javier Milei, Jair Bolsonaro, Horacio Cartes e Dina Boluarte, que por muitas vezes, utilizaram do discurso anti gênero para gerar temor na população e unificação contra esse adversário, em uma estratégia conhecida populista (Biroli, 2019a).

Apesar da retomada de estratégias e discursos antigos, a novidade está na forma como são unidos e nas suas proporções globais, gerando dúvidas sobre sua natureza e seu futuro. Como afirma Wendy Brown, as origens dessas dúvidas estão na união entre:

[...] suposições cegas sobre valores e instituições ocidentais duradouras - especialmente o progresso, o Iluminismo e a democracia liberal e, por outro lado, à aglomeração pouco familiar de elementos na direita ascendente - sua curiosa combinação de libertarianismo, moralismo, autoritarismo, nacionalismo, ódio ao Estado, conservadorismo cristão e racismo. (2019, p. 10)

Assim, aparecem elementos de tradição neoliberal junto à ideias conservadoras e reacionárias, atribuindo um caráter antidemocrático a esse movimento. Porém, de acordo com Verónica Gago (2018), as experiências singulares da América Latina de introdução do neoliberalismo em um período de autoritarismo, além de um caminho distinto tomado no século XXI, diferem o movimento da região daquele que ocorre nos países centrais. Apesar de inspirado nos fenômenos globais ocorridos no Norte, suas construções, razões e causas têm explicações e delimitações regionais, que podem alterar-se ainda dentro da região (Mayer, 2023). Então, questões de ordem externa, como migração e xenofobia, não adquiriram tanta relevância se comparadas a questões internas, como o

combate à corrupção, à esquerda, que governou grande parte da região até meados de 2010, e aos movimentos chamados de identitários (Santos, 2023). Portanto, nas experiências latino-americanas uniram-se as pautas do neoliberalismo em relação ao mercado, o conservadorismo, o moralismo, o autoritarismo e golpismo, o familismo, o neopentecostalismo e o populismo.

O neoliberalismo na extrema direita latino-americana e a intersecção com o familismo e o neopentecostalismo

O neoliberalismo, que não havia sido tão popular no início do século XXI, surgiu com bastante força nos discursos de líderes. Acentua-se, principalmente, a defesa do alinhamento aos EUA e a acusação dos projetos socioeconômicos e intervenções governamentais na economia enquanto causa da estagnação econômica. Estes aproveitaram-se da baixa popularidade dos partidos que os projetaram e geraram forte sentimento de indignação das classes médias com os grupos marginalizados a quem esses projetos eram destinados (Ferraz, 2023). Assim, a defesa de privatizações, menor interferência governamental na economia e extinção de grande parte dos projetos socioeconômicos é presente nesses discursos. A defesa liberal da economia foi acompanhada de uma consolidação de pautas conservadoras para a cultura, unidas a um forte moralismo e familismo, com influência das religiões neopentecostais, que conquistaram uma maior influência política em muitos países gradualmente. Essa relação, contudo, é menos paradoxal do que pode-se perceber de início, tratando-se de projetos interligados e interdependentes (Gago, 2021).

O neopentecostalismo surgiu na região por influência estadunidense no final do século XX, conquistando espaço com discurso de maior potencial para mobilização social que o utilizado pela igreja católica até então dominante na região, que, por conta de sua alta institucionalização acabou engendrada e com mais dificuldade de diálogo com o povo e suas necessidades; assim, teses como a “teologia da prosperidade” e a “teologia da guerra espiritual” pareciam incorporar melhor demandas

populares sociais e econômicas, trazendo maior apelo popular (Selmán, 2019). De tal modo, conseguiram aproveitar do baixo institucionalismo para se capilarizarem dentro de comunidades mais rapidamente e dialogar com as necessidades e temores do povo de maneira direta, inclusive em viés econômico. Expandiram-se e popularizaram-se ainda mais na região (Selmán, 2019), movimentando também um sentimento ou ideologia fortemente moralista e conservador e um grande foco de inserção política, como é bem exemplificado pelo caso brasileiro da Bancada Evangélica ainda nos anos 2000 (Dantas, 2011). A convergência em pautas conservadoras e a grande facilidade para mobilização popular levaram a uma talvez não inesperada aliança estratégica entre neopentecostais e extrema direita. Tal aspecto é percebido em diversos países, mas com força singular no Brasil e países da América Central (Calero, 2021). A instrumentalização da religião foi uma ferramenta poderosa no impulsionamento de líderes populistas, que souberam dialogar com essa comunidade e suas reivindicações e contavam com apoio de suas principais lideranças. Consequentemente, conseguiram implementar em seus discursos, de maneira implícita ou explícita, pautas com capacidade de mobilizar defensores e apoiadores.

Nessa perspectiva, ideários como o familismo ganharam força, na defesa dos “valores, tradição e dos bons costumes” e da “família tradicional”. Assim, a família nuclear patriarcal é instada como único modelo correto e como uma unidade central, em contato direto com o neoliberalismo. Ao defenderem as responsabilidades familiares acima das responsabilidades governamentais, incitam privatizações e cortes de gastos públicos (Brown, 2015). É fundamentada nessa ideologia que grandes mobilizações, de cunho religioso e político, ocorrem na América Latina na década de 2010 (Maranhão; Franco, 2022; Barbosa, 2022), em oposição ao casamento igualitário e à educação sexual nas escolas, junto a uma grande contradição a direitos reprodutivos e ao aborto. Essas pautas se tornaram cada vez mais recorrentes nos discursos políticos, sendo fortemente exageradas como forma de causar ainda mais comoção e temor em torno delas, consolidando a comunidade LGBT e movimentos feministas como adversários perversos que buscam desmantelar a moral e a família cristã (Biroli, 2019a).

A partir do momento em que constituem uma ameaça à maioria da população, geram forte união dos opositores ao redor de seu combate. Contam com grande apelo de líderes populistas e políticos de direita, ameaçando os direitos

mais básicos de existência de pessoas LGBT e de mulheres. O crescimento exponencial das violações institucionais dão legitimidade para outras formas de violência continuarem ocorrendo impunemente, como violências físicas, percebidas nos altos números de feminicídios e mortes de pessoas LGBT na região (Cepal, 2024; Palomino, 2021). A ascensão de uma extrema direita que é neoliberal e conservadora, ligada ao neopentecostalismo e ao familismo, tem utilizado da construção de minorias enquanto ameaça como estratégia política. Baseando-se na busca por uma supressão cada vez maior de direitos restringem a liberdade de grupos opositores e desafiam sua lógica, além de levarem a uma percepção de que “[...] o projeto avançado neoliberal autoritário é indissociável de uma guerra contra mulheres, lésbicas, travestis, trans e não binários. Não há projeto de recolonização financeira autoritária que não nos coloque na mira” (Cavallero; Gago, 2023).

Considerações Finais

Se o início dos avanços em políticas que englobam mulheres e pessoas LGBT no começo do século XXI foi lento, gradual e controverso, a partir de 2015 se transformou em retrocesso e grande perseguição a tais políticas de gênero, que tornaram-se fundamentais na construção de um pensamento de extrema direita latino-americano e de seus oponentes, dentre eles a esquerda e o chamado identitarismo. Apesar do aparente avanço da esquerda por volta de 2019 em diversos países da região com uma chamada “Nova Onda Rosa” (Souza, 2023), essa extrema direita não parece estar em declínio. Não apenas a continuidade da presença de políticos alinhados dentro das instituições estatais, mas o crescimento de mobilizações populares em torno de temáticas sensíveis à ala, gerando fortes pressões e temores nos atuais governos, corroboram com o fortalecimento da extrema direita.

Dessa forma, parece haver uma maior cautela ao redor de políticas de gênero, junto a um percebido aumento da repressividade nas políticas anti gênero, impostas em diversos países da região nos últimos anos, como já exposto, mostrando como a ala antidemocrática vem ganhando mais expressividade mesmo em períodos de recuo nas vitórias de candidatos presidenciais de extrema direita (Paula, 2024). Internacionalmente, também se percebem movimentos mais intensos em direção à extrema direita,

principalmente na Europa e nos EUA, que possuem forte influência sobre a América Latina.

Dentre os eventos ocorridos, a reeleição de Donald Trump nos EUA e suas políticas extremistas e autoritárias aplicadas desde o primeiro dia de seu mandato, inclusive em relação à comunidade LGBT e a direitos sexuais e reprodutivos, podem influenciar a geração de reverberações ainda mais repressivas na América Latina. Em meio a essas ações estão a remoção total de palavras ligadas à sigla LGBT de agências federais, a tentativa de proibição de pessoas trans se alistarem no exército do país e maiores restrições ao aborto (Cohen, 2025; Veja, 2025; Paula, 2025). Dado o histórico de alinhamento automático às decisões dos EUA e a identificação com a figura de Trump por parte de muitos dos líderes da extrema direita, como Bukele, Bolsonaro e Milei, teme-se uma exportação de tais ações. O caso do presidente argentino Javier Milei, notável apoiador do presidente estadunidense, é bastante proeminente nesse sentido; desde a eleição de Trump, houveram diversas medidas duplicadas na Argentina, como a saída da OMS e as ameaças de saída do Acordo de Paris (Estadão, 2025), confirmando uma tese de alinhamento automático no país, que é similar em outros líderes.

Desta maneira, percebe-se que a derrocada dessa conjuntura antidemocrática e autoritária na América Latina, que restringe liberdades e ameaça existências daqueles que não se encaixam ou desafiam seus pressupostos parece não estar próxima; pelo contrário, essa ala parece estar se fortalecendo e conquistando ainda mais espaço. Porém, é necessário que haja uma maior unificação e persistência no seu combate, aliadas a estratégias políticas e institucionais mais vigorosas que permitam a existência estável de um Estado democrático de direito.

Referências

Ao menos 11 mulheres são vítimas de feminicídio a cada dia na América Latina e no Caribe. **Cepal**, 2024. Disponível em: [https://www.cepal.org/pt-br/comunicados/menos-11-mulheres-sao-vitimas-femicidio-cada-dia-america-latina-caribe#:~:text=Entre%20os%20pa%C3%ADses%20com%20maiores,\(0%2C5%20caso\)](https://www.cepal.org/pt-br/comunicados/menos-11-mulheres-sao-vitimas-femicidio-cada-dia-america-latina-caribe#:~:text=Entre%20os%20pa%C3%ADses%20com%20maiores,(0%2C5%20caso).). Acesso em: 20 mar. 2025.

AYERBE, Luis Fernando. **Novas lideranças políticas e alternativas de governo na América do Sul**. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 2008.

BARBOSA, Carla Vitória Oliveira. **As mudanças no status jurídico do aborto durante a onda progressista no Cone Sul – uma análise comparada**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

BIROLI, Flávia. A reação contra o gênero e a democracia. **Nueva Sociedad** especial em português, Buenos Aires, dez. 2019a.

BIROLI, Flávia. No Familismo, neoliberais encontram direita religiosa. **Outras Palavras**, 2019b. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/no-familismo-neoliberais-encontram-direita-religiosa/>. Acesso em: 01 fev. 2025.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente**. Tradução: Mario Antunes Marino e Eduardo Altheman C. Santos. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

BROWN, Wendy. **Undoing the demos: Neoliberalism's Stealth Revolution**. Nova York: Zone Books, 2015.

CALERO, César G. Evangélicos: o novo reino terreno da extrema direita na América Latina. **Instituto Humanitas Unisinos**, 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/612470-evangelicos-o-novo-reino-terreno-da-extrema-direita-na-america-latina>. Acesso em: 04 fev. 2025.

CARNERI, Santi. Cruzada conservadora contra a discussão de gênero nas escolas, agora também no Paraguai. **El País**, 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/26/internacional/1514302715_812007.html. Acesso em: 21 mar. 2025.

CAVALLERO, Lucí; GAGO, Verónica. **Escutar o corpo coletivo para enfrentar a extrema direita**. Editora Elefante, 2023. Disponível em: https://editoraelefante.com.br/escutar-o-corpo-coletivo-para-enfrentar-a-extrema-direita/?srsId=AfmBOoo7EbNy8zYmCDea3k7opXDXW2g7IggCH3V6ZazTelgVoRM5Vo9_. Acesso em: 01 fev. 2025.

Referências

COHEN, Sandra. Trump remove termos como gay, lésbica, transgênero, bissexual e LGBTQ dos sites da Casa Branca e de agências federais. **GI**, 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/blog/sandra-cohen/post/2025/01/23/trump-remove-terminos-como-gay-lesbica-transgenero-bissexual-e-lgbtq-dos-sites-da-casa-branca-e-de-agencias-federais.ghtml>. Acesso em: 27 mar. 2025.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. **Religião e política: ideologia e ação da Bancada Evangélica na Câmara Federal**. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2011.

FERRAZ, Ana Targina Rodrigues. A extrema direita, as políticas ultraliberais e o ressurgimento do autoritarismo na América Latina. **Boletim Lua Nova**, n. 120, 2023. Disponível em: <https://boletimluanova.org/a-extrema-direita-as-politicas-ultraliberais-e-o-ressurgimento-do-autoritarismo-na-america-latina/>. Acesso em: 20 mar. 2025.

FLECK, Giovana. O Escola Sem Partido não foi aprovado, mas suas ideias estão no cotidiano. **Brasil de Fato**, 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/12/24/o-escola-sem-partido-nao-foi-aprovado-mas-suas-ideias-estao-no-cotidiano/>. Acesso em: 21 mar. 2025.

GAGO, Verónica. **A razão neoliberal: economias barrocas e pragmática popular**. Tradução: Igor Peres. São Paulo: Editora Elefante, 2018.

GAGO, Verónica. Leituras sobre o feminismo e o neoliberalismo. **Boletim Campineiro de Geografia**, Campinas, v. 11, n. 2, p. 195-205, 2021.

HAJE, Lara. PEC que garante direito à vida para fetos volta à pauta da Comissão de Constituição e Justiça. **Agência Câmara de Notícias**, 2024. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1110553-pec-que-garante-direito-a-vida-para-fetos-volta-a-pauta-da-comissao-de-constituicao-e-justica/>. Acesso em: 20 mar. 2025.

MARANHÃO, Eduardo Meinberg de Albuquerque; FRANCO, Clarissa de. Quem tem medo de gênero e sexualidade na América Latina? A ideologia de gênese dos movimentos Con Mis Hijos No Te Metas e Escola Sem Partido. **Revista del CESLA**, v. 29, p. 155-174, 2022.

MAYER, Rodrigo. Direita populista radical na América Latina: os casos da Argentina, Brasil, Chile e El Salvador. **Revista Sul-**

Referências

Americana de Ciência Política, Pelotas, v. 9, n. 2, p. 1-17, 2023.

Milei imita Trump e tira Argentina da Organização Mundial da Saúde. **Estadão**, 2025. Disponível em: https://www.estadao.com.br/saude/milei-imita-trump-e-tira-argentina-da-organizacao-mundial-da-saude-nprm/?srsltid=AfmBOorDIOzkblKp8XG5eUEGbnAiVXrWLFvTP6jHTAHE_bgjicscnzcOX. Acesso em: 22 mar. 2025.

OLIVEIRA, Manuel Rufino David de; FERREIRA, Tainá Ferreira e. Análise comparativa dos crimes de feminicídio na América Latina. **Revista Themis**, Fortaleza, v. 19, n. 1, p. 207-231, 2021.

PALOMINO, Sally. Pouco a comemorar na América Latina, onde ser LGBTQIA+ é ser alvo. **El País**, 2022. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-06-28/pouco-a-comemorar-na-america-latina-onde-ser-lgbtqia-e-ser-alvo.html>. Acesso em: 20 mar. 2025.

PAULA, Isabella de. Como fica a divisão de poder entre direita e esquerda na América Latina após as eleições no Uruguai. **Gazeta do Povo**, 2024. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/como-fica-divisao-poder-entre-direita-esquerda-america-latina/>. Acesso em: 02 fev. 2025.

PAULA, Isabella de. Trump ordena corte de verbas federais destinadas a ações que promovem o aborto. **Gazeta do Povo**, 2025. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/trump-ordena-corte-de-verbas-federais-destinadas-acoes-que-promovem-aborto/>. Acesso em: 27 mar. 2025.

SANTOS, Fábio Luis Barbosa dos; FELDMAN, Daniel. Doctor or Monster? The Pink Tide and Its Aftermath. **Latin American Perspectives**, Riverside, v. 49, n. 2, p. 69-86, 2022.

SANTOS, Rayani Mariano dos. Neoconservadorismo no Brasil e nos Estados Unidos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 38, n. 111, p. 1-5, 2023.

SELMÁN, Pablo. Quem são? Por que eles crescem? No que eles creem? Pentecostalismo e política na América Latina. **Revista Nueva Sociedad**. Argentina. 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/588669-quem-sao-por-que-eles-crescem-no-que-eles-creem-pentecostalismo-e-politica-na-america-latina>. Acesso em: 01 fev. 2025.

SILVA, Bruno Fabrício Alcebino da. Ser LGBTQ+ na América Latina: breve balanço. **Outras Palavras**, 2024. Disponível em: <https://outraspalavras.net/desigualdades-mundo/ser-lgbti-na->

Referências

america-latina-breve-balanço/#:~:text=O%20casamento%20igualit%C3%A1rio%20%C3%A9%20um,t%C3%AAm%20legisla%C3%A7%C3%A3o%20que%20o%20permita. Acesso em: 10 fev. 2025.

SOUZA, Raquel Mirian Pereira de. Nova Onda Rosa Latino Americana: As eleições de 2022 da Colômbia no Twitter. **Revista Política Hoje**, Recife, v. 32, n. 1, p. 28-50, 2023.

Trump assina decreto para banir pessoas trans das Forças Armadas dos EUA. **Veja**, 2025. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/trump-assina-decreto-para-banir-pessoas-trans-das-forcas-armadas-dos-eua/>. Acesso em: 27 mar. 2025